

Negras Cabeças: O Midiartivismo nas Obras de Íldima Lima¹

Lídia Sacramento de SOUZA²

Ricardo Oliveira de FREITAS³

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo perceber o midiartivismo feminino negro presente nas legendas descritivas produzidas e publicadas no Instagram pela artista Íldima Lima sobre suas obras na exposição Negras Cabeças. Toma-se como base teórica Freitas (2022), Assis (2006), Castell (1999), Moraes e Lima (2020) entre outros autores para apresentar o conceito de midiartivismo e discutir sobre o ativismo, o espaço digital como um meio horizontal e propício para o fazer artista e a representação feminina negra no universo do midiartivismo. Utiliza-se da análise de conteúdo proposta por Bardin (2016) e Moraes (1999) como metodologia para entender o fazer midiartista presente nas legendas descritivas como um mecanismo para subverter a lógica atribuída pela sociedade ao corpo da mulher negra.

PALAVRAS-CHAVE: Midiartivismo; Negras cabeças; Íldima Lima. Representatividade Negra.

Introdução

Em meio a tantas possibilidades incorporadas ao termo ativismo, a palavra midiartivismo aparece como aquela que tem como objetivo imbricar os conceitos que envolvem a mídia, a arte e o ativismo em uma só expressão. Pensar o midiartivismo é colocar em pauta artistas ou coletivos de artistas que criam, se organizam e se expressam por meio das redes sociais.

Quando inserimos nessa pauta o tema do combate ao racismo ou das relações étnico-raciais, percebemos que o midiartivismo cumpre com seu objetivo (ou interesse) central que é “romper com paradigmas que reiteravam e perpetuavam exclusão e apagamento, revela a beleza do que foi sequestrado, silenciado, considerado inóspito

¹ Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Relações Públicas da UNEB-BA e Bolsista de Iniciação Científica, do Programa AFIRMATIVA/UNEB. email: liidiia_souza@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Titular Pleno. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL/UNEB e do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL/UESC. E-mail: rofreitas@uneb.br

por muito tempo.” (FREITAS, 2022, p. 14). Ou seja, o midiativismo negro é um meio pelo qual é possível fazer com que as pautas raciais sejam ouvidas e discutidas, pois o espaço digital apresenta-se como território “livre e horizontal” livre para que todos possam se expressar, seja por meio da arte ou por outras formas de expressão.

Neste seguimento, o trabalho em questão tem como principal objetivo perceber o midiativismo feminino negro presente nas legendas descritivas produzidas e publicadas no Instagram pela artista Íldima Lima sobre suas obras na exposição *Negras Cabeças*. Como objetivos específicos busca 1) refletir sobre uso das redes sociais como um meio democrático e propício para o ativismo; 2) Discutir o conceito de ativismo e de Midiativismo; 3) Discorrer sobre a representatividade feminina negra e o fazer artista e, 4) e apresentar resultados parciais à luz da Análise de Conteúdo, a fim de mostrar a importância desse arcabouço metodológico na obtenção de resultados qualitativos.

A artista soteropolitana Íldima Lima, tem 39 anos e se formou em 2004 em Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Em 2017, criou um projeto chamado *Ili arte afetiva* que tem como objetivo “promover o protagonismo da mulher negra nas artes visuais” (NEGRAS CABEÇAS, 2021). No ano de 2021, realizou uma exposição digital chamada *Negras Cabeças*, que compõe o corpus desse trabalho, na qual busca ressignificar a mulher negra imagetivamente, por meio das artes visuais como forma de representatividade do corpo negro.

A pesquisa tem como metodologia a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), em diálogo com as etapas de Análise de Moraes (1999), em que apresenta cinco etapas para a realização da análise; são elas: Preparação das informações, Unitarização, Categorização, 4) Descrição e 5) Interpretação no material a ser analisado.

O trabalho está dividido em 7 partes, de modo a tornar a leitura mais dinâmica e objetiva sobre cada aspecto abordado. Na primeira etapa, será discutida a forma como as redes sociais, hoje, se tornaram um espaço acessível e horizontal para que todos possam se expressar "livremente", promovendo debates e se conectando com outras pessoas, além de estabelecer diálogos entre elas. Na segunda parte, será apresentado o conceito do ativismo e como este conceito dialoga com o conceito de midiativismo. Logo em seguida, apresenta discussão sobre a representatividade feminina negra nas redes sociais e como o debate dialoga com os modos de expressão artista. Na quarta parte, são apresentados alguns apontamentos sobre o conceito de Análise de Conteúdo,

sendo que o próximo tópico será discorrido sobre a metodologia utilizada para a realização da análise. Em seguida, serão apresentados os resultados acerca do conteúdo estudado e, por fim, as considerações finais da pesquisa.

As redes sociais digitais como meio horizontal e propício para o ativismo

Depois do surgimento das tecnologias, o mundo nunca mais foi o mesmo, estando em constante modificações. Castells (1999) afirma que vivenciamos no meio da comunicação um processo de transformação sócio-histórico-cultural, na qual o uso crescente das tecnologias digitais, principalmente da internet, acaba por influenciar a sociedade, criando novos costumes e hábitos, bem como novas formas de interação entre os indivíduos. Nesse sentido, quando falamos de interação, no que envolve as tecnologias, vale pensar no conceito de rede, que, conforme Filho (2020), em sua origem, remete à ideia de pontos unidos por linhas. Vermelho et al. (2015), em diálogo com Filho (2020), aponta que o conceito de rede apresentado permeia as diferentes áreas do conhecimento humano. Os autores entendem as redes sociais como uma “construção linguística e cultural, apoiada sobre práticas observacionais que foram se constituindo ao longo da história humana” (FILHO Apud VERMELHO et al., 2015, p. 866).

A Vermelho et. al (2015) ainda aponta que as redes sociais foram criadas em um contexto, no qual as estruturas sociais estavam dentro da verticalização e da a lógica da estrutura da comunicação unidirecional, em que não há interação entre emissor e receptor. Contudo, quando incorporado o uso das redes sociais na sociedade, os usuários passam a experimentar a interação por meio da horizontalidade, quando uma mesma pessoa passa a ocupar os papéis de emissor e receptor, tendo a possibilidade de interagir com um sem fim de usuários: “A internet, no que tange à divulgação de ideias e conteúdos, seria um ambiente de uso coletivo e aberto, onde qualquer pessoa pode interagir. (FILHO Apud VERMELHO et al., 2015, p. 876). Nesta mesma perspectiva, Castell (1999) aponta que o espaço conectado pela internet permite que as pessoas tenham interação de forma livre, descentralizada, conseguindo ter acesso a informações de níveis diferentes e um contato informacional que pode atingir uma esfera micro ou macro dentro das interligações de redes.

Assim, pensar esse espaço que se configura como horizontal e livre para que todos possam se expressar, é perceber que nele é possível se expressar sobre qualquer temática social, principalmente quando envolve questões políticas. Hoje, nas plataformas digitais, existem muitos perfis de grupos ou usuários que utilizam as redes sociais para se fazerem ouvidos e isso deve-se à prática do midiativismo que será apresentado mais adiante. Nesta perspectiva, Cassiano (2011) aponta em seus estudos sobre redes sociais como espaço democrático, sem barreiras, no qual todos podem produzir e dissipar ideias, afirma ser esse o território online propício para o fazer ativista, considerando as redes como ferramenta para se expressar e promover debates. Em suas palavras

A eficácia desses ativismos, que começaram na internet, existe graças ao território on-line democrático e livre, em que as pessoas podem se expressar e criar debates... a rede é flexível, reversível, pode se modificar, trocar, reprogramar, é uma construção coletiva, horizontal, multifacetada, compartilhada. Isso a torna um local sem hierarquia, uma vez que todos têm os mesmos direitos no campo virtual da rede social e é, nesse local, que os ativistas encontram espaço para disseminar pensamentos livremente e atingir pessoas de diversos locais para transformar ideias em ações coletivas. (CASSIANO, 2011, p.9)

Midiativismo

Quando pensamos no termo em questão, a primeira expressão que se apresenta antes da palavra “mídia” é o termo “ativismo”. De acordo com a plataforma de pesquisa *Google Trends*, o termo “ativista” está sendo muito pesquisado atualmente, sendo que em janeiro de 2023, atingiu um pico dentro das buscas feitas no site de pesquisa.⁴

Batista (2012), afirma que a definição de “ativismo” carrega muita complexidade pelo fato de ser adicionado em vários contextos sociais. De acordo com a Enciclopédia do Ativismo e da Justiça Social, o ativismo se define como “uma ação em nome de uma causa, que vai além do que é convencional ou rotineiro” (MÜLLER apud MARTIN 2007, p. 19). Já o dicionário Aurélio aborda que se trata de “uma doutrina que admite algum tipo de oposição entre as ações dos domínios diversos do conhecimento e que dá primazia à ação”. Nessa perspectiva, Assis (2006) vai caracterizar o ativista como aquele que é engajado e movido por práticas concretas e ideologias, podendo esse engajamento ser físico ou criativo e que tem o objetivo de “desafiar mentalidades e

⁴ Estes dados estão disponíveis em <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=today%205-y&geo=BR&q=Ativista &hl=pt-BR>

práticas do sistema sócio-político-econômico, construindo uma revolução a passos pequenos” (ASSIS, 2006, p. 14). A partir daí, pode-se dizer que o ativismo é um movimento que está relacionado diretamente às práticas políticas-sociais e que tem como intuito realizar ações motivadas por uma causa, a fim de promover discussão ou até propor mudanças dentro da sociedade.

Neste seguimento, quando voltamos o olhar para o termo Midiativismo, essa concepção não muda, mas incorpora novos elementos. Como o nome já sugere, o termo se refere a uma junção das palavras mídia + arte + ativismo. De forma mais detalhada e objetiva, Freitas (2019) define o midiativismo como

ações criadas por artistas e grupos de artistas, chamados coletivos, que se organizam usando a mídia digital e se fazem presentes em plataformas de redes sociais a fim de ocupar espaços públicos. De modo geral, são ações criadas por artistas ou coletivo de artistas, educadores e militantes, que fazem uso de recursos de mídia e de expressões artísticas para promover o ativismo (FREITAS, 2019, p. 235).

Para o autor, essas ações contribuem para a representatividade de projetos e grupos que são invisibilizados ou excluídos da mídia tradicional, aqui entende-se como os programas de televisão e de rádio. Freitas (2019), acredita que essas ações midiativistas são o suporte para o reconhecimento desses grupos perante a esfera pública política, bem como na obtenção de cidadania. Assim, o midiativismo se apresenta como uma potência inclusiva, pois qualquer pessoa ou grupo pode se expressar político-socialmente através da arte e da mídia.

A representatividade feminina negra como o fazer artista.

O ativismo negro nas redes sociais ganha formato a partir do 2010. De acordo com Rodrigues (2023), este movimento teve a presença de jovens mulheres negras que faziam parte de coletivos e mantinham diálogos na rede sobre questões políticas. Conforme o autor, as discussões propostas versavam sobre representatividade, empoderamento individual e questões voltadas para as lutas feministas. Esse movimento cresceu expressivamente e o espaço digital, hoje, não é utilizado somente para debater pautas de interesse para os grupos midiativistas, mas, também, para engajar novos indivíduos em volta de uma mesma causa. Lima (2017) acredita que as novas tecnologias de comunicação são ferramentas estratégicas para o feminismo

contemporâneo e que as redes sociais ajudam na manutenção dos coletivos, de modo a impulsionar e atrair novas pessoas.

Nesta perspectiva, Moraes e Lima (2020) afirmam que se apropriar das mídias sociais digitais também é uma estratégia relevante para que as mulheres pretas coloquem suas pautas e posicionamentos, de modo a conseguir criar uma rede de conexão com outras mulheres, a fim de fortalecer suas discussões e debates. Nesse segmento, Ribeiro (2016) reitera a importância da apropriação deste espaço, pois é nele que as mulheres pretas podem ser visualizadas, já que a mídia hegemônica as ignora.

É a partir da realidade acima apresentada, que tomamos a artista soteropolitana Íldima Lima e sua obra como interlocutoras. Íldima realizou uma exposição digital chamada *Negras Cabeças*, na qual buscou ressignificar a mulher negra imagetivamente, por meio das artes visuais, como forma de positivar a representatividade do corpo negro. Essa exposição foi feita de forma virtual, *on-line*, o que permitiu que qualquer pessoa pudesse ter acesso às obras expostas através do site oficial da exposição. Além disso, a artista usou a rede social Instagram, para descrever, por meio da legenda, o processo artístico das oito obras que compuseram a exposição. De acordo com a artista, o projeto surgiu da

necessidade de reconstruir a humanidade das pessoas negras. Para tal, é fundamental trazer à tona nossas formas de vida e de linguagem para além da referência europeia, heterossexual, branca, cisnormativa. As pessoas negras espalhadas pelo mundo, a maioria delas em condições de humanidade degradante, têm uma história a ser contada para além da destruição promovida pela escravização e pela violência da colonização. (NEGRAS CABEÇAS, 2021)

Neste sentido, o fazer artístico se apresenta como um processo que busca romper com os paradigmas que fomentam a exclusão e o apagamento, ao mesmo tempo que apresenta a beleza daqueles que por muito tempo foram trocados pelos padrões europeus (FREITAS, 2022, p.14). A exposição de Íldima Lima dialoga com o que Freitas (2022) apresenta como o midiativismo negro, sendo este o fenômeno que permite traçar estratégias para subverter o processo de apagamento, alijamento e marginalização do povo negro: “É arte e mídia, midiarte, que traz para o centro do debate novos discursos e representações, até então, subalternizadas, apagadas.” (FREITAS, 2022, p. 14).

Análise de Conteúdo

A Análise de Conteúdo é uma metodologia muito utilizada nos trabalhos acadêmicos qualitativos e é definida por vários estudiosos. De acordo com Recuero (2018), “Análise de Conteúdo (AC) é um conjunto de técnicas destinadas a estudar textos, imagens ou outros ‘conteúdos’, de modo a extrair destes algum tipo de sentido”. Janis (1982) expande mais esse conceito e afirma que a AC fornece meios preciosos de descrição de conteúdo, sendo este de qualquer tipo de comunicação, como jornais, programas de rádio, filmes e etc. Para o autor, AC consiste em identificar e classificar os “sinais” que aparecem em uma comunicação por meio das categorias pré-definidas.

Por outro lado, Bardin (2016), em seu livro *Análise do Discurso*, diz que a AC não se trata de um método em si, mas de “um conjunto de instrumentos metodológicos” (BARDIN, 2016, p.9). Esta afirma que a AC surgiu a partir da necessidade de ir além das descobertas de significados. Assim, a autora diz que a AC desempenha duas funções que podem ser complementares ou independentes: heurística e de prova. A primeira se refere à descoberta e a exploração de informações identificadas em um texto e a segunda se trata da criação e verificação de hipóteses feitas acerca do conteúdo a ser analisado.

Neste seguimento, muitos autores também vão estabelecer alguns processos para a realização da análise de conteúdo, mas neste trabalho, vamos utilizar da proposta de análise atribuída por Moraes (1999). O autor apresenta cinco etapas para a realização da análise, são elas: 1) Preparação das informações; 2) Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; 3) Categorização ou classificação das unidades em categorias; 4) Descrição e 5) Interpretação.

A primeira fase, como o nome já diz, é a fase da preparação dos dados. O analista deve selecionar o corpus que vai ser submetido a análise, ou seja “identificar as diferentes amostras de informação a serem analisadas” (MORAES, 1999, p. 5). Na segunda fase, o analista vai reler cuidadosamente o conteúdo e identificar as unidades de análise; Em seguida, esses dados devem ser categorizados, de modo a agrupar os dados considerando as partes em comum que existem entre eles; A quarta parte é a descrição, na qual o pesquisador vai apresentar os resultados atingidos com a análise e, por fim, será feita a interpretação dos dados analisados, que nesta pesquisa versará sobre as legendas compartilhadas no instagram pela artista Íldima Lima acerca das suas obras na exposição *Negras Cabeças*.

Metodologia

A pesquisa se apresenta como uma proposta metodológica de cunho qualitativo, por meio da Análise de Conteúdo, como proposta por Bardin (2016), em diálogo com as etapas de Análise de Conteúdo, como proposta por Moraes (1999) e já citadas anteriormente.

Durante o processo de busca dos(as) artistas interlocutores na presente pesquisa, foi estabelecido um recorte em relação ao tipo de artista a ser trabalhado. Foram escolhidas artistas femininas, negras e baianas por conta do processo de identificação gerado entre a pesquisadora e o objeto a ser investigado. A partir daí, por meio da plataforma de pesquisa *Google*, foram elencadas palavras chaves, como “artistas negras baianas” ou “mulheres ativistas negras baianas” ou “artistas baianas negras” para restringir cada vez mais os resultados apresentados. Durante o levantamento e as leituras incansáveis, conhecemos a página Afro Projeto⁵, que é “uma plataforma afro-brasileira de mapeamento e difusão de artistas negros/as/es” (AFRO PROJETO, 2023) e, apresenta minibiografias, obras e exposições feitas por diversos artistas catalogados. Foi através deste site que encontramos Íldima Lima, 39 anos, soteropolitana e criadora da exposição *Negras Cabeças*. A artista afirma que o seu trabalho é um ato político, a forma artística de se expressar é de militância e que se refere às questões de gênero e raça pelo fato de ser mulher e negra.

A exposição em questão foi selecionada para compor a análise, pelo fato de haver um diálogo metalinguístico expressivo sobre a artista e o fazer artístico, pois se trata de uma mulher negra que, por meio da arte, apresenta as singularidades e a representatividade positiva de outras mulheres negras como forma de resistência. Como Íldima Lima diz:

Minhas pinturas respiram esse universo feminino, construído de múltiplas camadas, formas de vida e de linguagem para além da referência dos cânones da arte europeia. O resultado é um misto de ancestralidade e afrofuturismo, uma constante homenagem às mulheres negras da minha família, à tantas outras que a vida me deu e todas aquelas que se conectam com meu trabalho. Em essência, meu desejo é que elas se sintam representadas no amplo aspecto das suas individualidades, potencialidades e virtudes. (AFRO PROJETO, 2023)

⁵ Disponível em: projetoafro.com/artista/ildima-lima/

Neste sentido, foram selecionadas para compor o corpus deste trabalho oito legendas com descrições sobre o processo artístico de cada uma das obras da exposição, feitas pela artista e publicadas em seu perfil do Instagram. Essas legendas descritivas passaram pelas etapas de análise proposta por Moraes (1999), tendo como foco a análise de caráter heurística apontada por Bardin (2016).

Conforme as etapas propostas por Moraes (1999), foi feita a preparação dos dados, na qual todas as legendas descritivas foram organizadas em documento. Depois, foi feita uma leitura detalhada de cada texto, de modo a identificar pontos de aproximação e distância entre cada obra da exposição, o que nos levou à identificação das unidades a serem analisadas. Em seguida, foi feito o processo de categorização em que cada legenda, que foram enumeradas de um a oito e identificadas conforme o título atribuído pela artista. Logo em seguida, foram escolhidas categorias para realizar a análise: etnias x penteados; hashtags utilizadas; verbos e adjetivos que se referem ao fazer artístico e elementos que caracterizam cada mulher que compõem a exposição.

A Singularidade e a representatividade positiva na exposição Negras Cabeças

De acordo com as observações feitas no conteúdo em questão, cada obra simboliza uma etnia, sendo esta enfatizada nos títulos apresentados. São elas: Betsimisaraka, Mangbetu, Suri, Mursi, Mwila, Mbalantu, Himba e Fulani. Todas elas, de acordo com a artista, têm em comum o cabelo como sagrado. Cada etnia tem sua forma peculiar de realizar os penteados e foi exatamente esse jeito único de cada mulher que Íldima Lima retratou em suas obras. Essa diferença entre cada obra pode ser percebida na figura 1. O cabelo feminino negro carrega a ancestralidade e é visto como uma simbologia de acordo com os grupos pertencentes. Hoje, diante dos processos de embranquecimento, assumir o seu cabelo da forma como ele é, significa subverter a lógica europeia e, quando incorporado isso à arte, carrega representatividade e beleza ao mesmo tempo que coloca em pauta essa discussão para quem aprecia a exposição.

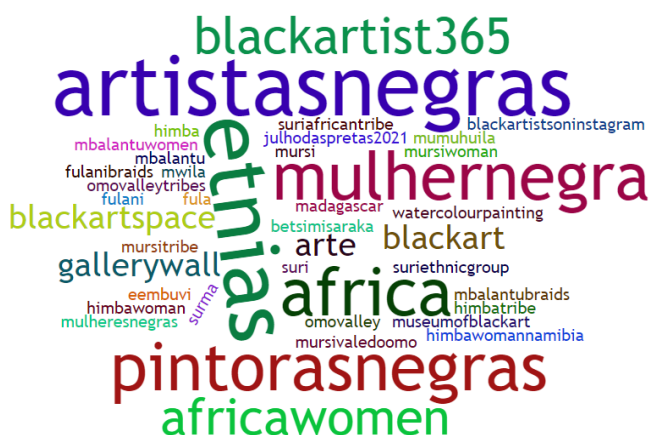
Figura 1 - Obras da exposição Negras Cabeças



Fonte: Negras Cabeças (2021)

Em relação as *hashtags* utilizadas nas legendas, nota-se que algumas se destacam, como as *#artistasnegras*, *#mulheresnegras*, *#etnias*, *#Pintorasnegras* e *#africanwomen*. Vale destacar que o uso das *hashtags* no Instagram serve para conectar pessoas mais rapidamente por meios de palavras-chave, mas também conecta o seu conteúdo com o de outras pessoas que utilizam a mesma *hashtag*. Ou seja, usar essa ferramenta na rede social é uma forma de se conectar com outros usuários e criar grupos nos quais são colocados conteúdos diariamente com a mesma temática e que pode gerar aproximação entre os usuários e até um diálogo. (Ver figuras 2 e 3)

Figuras 2 e 3 - Hashtags utilizadas nas legendas descritivas



O projeto Negras Cabeças, é uma realização da illi - arte afetiva, com o incentivo da Lei Aldir Blanc, FUNDARPE, Secretaria de Cultura, Governo de Pernambuco, Secretaria Especial de Cultura, Ministério do Turismo e Governo Federal.

#betsimisaraka #madagascar #negrascabecas #etnias #mulhernegra #artistasnegras #pintorasnegras #arte #africa #blackart

Fonte: Autoria própria e Instagram (2024)

Quadro 1 - Principais adjetivos e verbos identificados nas legendas

Adjetivos	Verbos
Potente, Serena, Elegante, Encantada, Agradável, Simples, Gentil, Aveluado.	Pulsava, Tornar, Construir, Dividir, Atentar, Transmitir, Explodir, Percorreu, Floresceu, Ser, Expressar, Manter, Ficar, Valorizar, Percebi, Ouvir, Exaltam, Ilustrar, Carregar, Sustentavam, Dedicar, Promover, exaltando, Ressaltar.

Fonte: Autoria Própria (2024)

As mulheres representadas na pintura possuem características próprias, referentes à cultura e à identidade de cada etnia (Ver quadro 2). De acordo com a análise feita sobre o conteúdo, foi possível perceber que a Betsimisaraka possui a elegância, a coroa e um traço que liga ao afrofuturismo. Já a Mangbetu se destaca pelo alongamento craniano e as tranças rentes ao couro cabeludo; A Suri ecoa como a primavera, cheia de cores; A Mursi se destaca por ser um grupo de caráter violento e, que como diz a artista, seria “um mecanismo evolutivo, uma forma de se manter de pé nesse novo mundo e não diferente violento mundo.” (NEGRAS CABEÇAS, 2021). A Mwila tem presença nos colares e miçangas autênticos a sua cultura; As mulheres Mbalantu sustentam a história ancestral do seu povo por meio dos mistérios das tranças longas. Por conseguinte, de acordo com a artista, é impossível olhar para as mulheres Himba e não lembrar do vermelho destacado e os dreads definidos e alongados e, por fim, as Fulani são marcadas pela dispersão e nomadismo pelo mundo, o fato de não estarem só e se manterem sempre em coletivos. Essa autenticidade de cada etnia só constata o fato da diversidade de beleza carregada pela mulher negra e não somente a física, mas também a cultural e ancestral.

Quadro 2 - Autenticidade de cada mulher representada na exposição

Betsimisaraka	Vestis elegantes, penteados potentes, coroa, ancestralidade, tradição, legado, circularidade, resgate, matriz, afrofuturismo.
Mangbetu	Alongamento craniano, armação cilíndrica, tranças nagô rente ao couro cabeludo, senso de realeza, estética.
Suri	Riqueza de detalhes, primavera.

Mursi	Força e presença, adornos, gerações, grupo violento, agressivo e arredo, evolutivo.
Mwila	Colar; faixa de miçangas e o xale; olhar presente e gentil.
Mbalantu	Longas tranças, mistério, coçar Mbalantu, sustentam história, rica linhagem ancestral.
Himba	Vermelho himba bem destacado; tom identitário e ancestral; dreads definidos e alongados; fios de feno ou pelo de cabra; atmosfera entorpecedora.
Fulani	Xale (peça tradicional), azul denso, bordô aveluado, dispersão e nomadismo pelo mundo; coletiva; jamais estarão sozinhos.

Fonte: Autoria Própria (2024)

Considerações finais

A exposição *Negras Cabeças* e, sobretudo, a descrição realizada por Íldima Lima, através das legendas (explicativas) acerca do seu processo artístico torna o fazer midiartista forte e presente no sentido de elevar a representatividade feminina negra para além da exposição ou das telas produzidas. Tal fato permite fazer com que outras pessoas vejam, reflitam e coloquem em pauta a discussão que envolve pensar o corpo negro enquanto corpo ancestral, belo, potente e futuro, retirando-o do quadro de representações estereotipadas, imposto pela sociedade. Como diz a artista, “nossos corpos quase sempre estiveram associados a um estereótipo racista e machista, objetificados e aprisionados num conceito exótico, etnográfico, alegórico e encobertos por um apagamento identitário” (NEGRAS CABEÇAS). Dentro dessa concepção, pode-se concluir que a exposição, como argumento de representatividade negra, apresentada por Íldima Lima, por meio da sua arte exposta na internet, busca subverter as clássicas representações atribuídas ao corpo feminino negro, revelando, por meio da arte, sua singularidade com base em uma representatividade positiva. A artista consegue estabelecer, perfeitamente, o diálogo com o midiativismo e ir além, quando incorpora a gamificação da exposição no site oficial (o que não foi incorporado à presente pesquisa).

O trabalho se constitui de uma pesquisa em andamento; por isso, apresenta resultados parciais. Pretende, no futuro, incorporar a gamificação gerada pela exposição às suas análises, trazendo para o debate outras artistas negras baianas, a fim de

promover o diálogo dentro da perspectiva da representatividade midiartista no Estado da Bahia.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Érico Gonçalves de. **Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo**. Dissertação de mestrado. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 2006.

BATISTA, J. C. **Apropriações Ativistas em Sites de Redes Sociais: Cartografia das Ações Coletivas no Twitter**. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4511/1/442636.pdf>. Acesso em 22/06/2024

CASSIANO, A. M. **Ativismo a partir das redes sociais**. CELACC / ECA -USP 2011. Disponível em: <https://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/426-1204-1-PB.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2024.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999

FILHO, C. L. M. R. **Redes Sociais Digitais e Democracia: Proteção De Dados Pessoais e a Desinformação nas Eleições de 2018**. 2020. 161 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2020.

FREITAS, O, R. **Educomunicação como recurso de midiativismo**. Revista Exitus, v. 9, n. 4, p. 232–261, 1 out. 2019.

FREITAS, O.R. **Midiativismo negro: arte e mídia a favor da causa política**. (2022). Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0807202215494562f009493d790.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

ÍLDIMA LIMA. **AFRO PROJETO**. 2023. Disponível em <https://projetoafro.com/artista/ildima-lima/>. Acesso em 22/06/2024.

NEGRAS CABEÇAS. **Negras Cabeças**. 2021. Disponível em: <https://negrascabecas.art/>. Acesso em: 17/06/2024.

JANIS, I. L. 1982 [1949]. O problema da validação da análise de conteúdo. In: LASSWELL, H; KAPLAN, A. **A linguagem da política**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília Bardin, Laurence. Análise de conteúdo / Laurence Bardin; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. -- São Paulo: Edições 70, 2016.

LIMA, Dulcilei da Conceição. **O feminismo negro na era dos ativismos digitais**. Conexão Política. v. 8, n. 1, janeiro–junho, p. 49-70. 2019.

MORAES, Lorena; LIMA, Andressa. **O anoitecer feminista da pandemia no Brasil**. Entrevista com Flávia Biroli. Inter-legere. Vol. 3, n. 28/2020.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MÜLLER, N. **A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal**. Interações: Sociedade e as novas modernidades, n. 36, p. 40–71, 30 jun. 2019.

RECUERO, Raquel . Estudando Discursos em Mídia Social: Uma Proposta Metodológica. In: SILVA, Tarcízio; BUCKSTEGGE, Jaqueline; ROGEDO, Pedro (org.). **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais**. Brasília: Ibpad, 2018. p. 401.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo Negro Para Um Novo Marco Civilizatório. **Revista Internacional de Direitos Humanos**. v. 13, n. 24, p.99-104, 2016.

RODRIGUES, C.; CRISTINA, B. **Ativismo feminista negro digital: políticas estéticas e afetivo-sexuais**. Cadernos Pagu, n. 67, 1 jan. 2023.